



USOS EXPRESSIVOS DE INTENSIFICADORES EM ESPAÑHOL RIOPLATENSE (ER) E EM PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB)

LUCIANA SANCHEZ-MENDES* | ANA CLARA POLAKOF**

RESUMO

Este *squib* trata dos usos expressivos que têm os intensificadores no espanhol rioplatense (ER) e no português brasileiro (PB). Tentaremos mostrar que intensificadores como *muy*, *mucho*, *tan* e *tão* podem ser usados para expressar uma atitude emocional por parte do falante a respeito da situação que está sendo declarada e avaliada. Esses usos expressivos serão analisados como mistos, em casos como *Isso é muito Tarantino*, ou como puros, em casos como *Foi muito golpe*. Elencamos evidências de que eles funcionam dessa forma e tentaremos oferecer uma análise formal para o significado desse tipo de intensificadores.

Palavras-chave: intensificação, expressividade, espanhol rioplatense, português brasileiro

ABSTRACT

This *squib* deals with the expressive uses of intensifiers in Rioplatense Spanish (RpS) and in Brazilian Portuguese (BP). We will try to show that intensifiers like *muy*, *mucho*, *tan* and *tão* (that can roughly be translated as *very*) can be used to express an emotional attitude on the part of the speaker towards the situation that is being declared and evaluated. These expressive uses can be analyzed as mixed, in cases like *Isso é muito Tarantino* (*This is very Tarantino-esque*, *lit. This is very Tarantino*), or as pure, in cases like *Foi muito golpe* (*lit. It was very coup*). We will give evidence that they work this way and we will try to give a formal analysis for the meaning of these types of enhancers.

Keywords: intensification, expressivity, Rioplatense Spanish, Brazilian Portuguese

1 Universidade Federal Fluminense, UFF, CNPq, Faperj. E-mail: sanchez_mendes@id.uff.br

2 Universidad de la República, UdelaR, SNI. E-mail: anaclarapo@gmail.com

1 INTRODUÇÃO: INTENSIFICADORES PROTOTÍPICOS DO ER E DO PB

Modificadores de grau em espanhol rioplatense (ER) e português brasileiro (PB), como (1a-b), são típicos impulsionadores de uma propriedade graduável e podem ter a entrada lexical (1c) como modificador de grau baseada em Kennedy (2007) para seus usos comuns, em que **ds** é o grau relevante da escala correspondente ao padrão de comparação.

- (1) a. Eso es muy / tan lindo. (ER)
 b. Isso é muito / tão lindo. (PB)
 c. [[muy/tan/muito/tão]] = $\lambda G_{\langle d, \langle e, t \rangle \rangle} \lambda x_e. \exists d [G(d)(x) \ \& \ d > ds]^1$

(baseado em Kennedy (2007))

Gutzmann e Turgay (2014) chamaram a atenção sobre a existência de certos intensificadores no alemão que se diferenciam dos intensificadores prototípicos, como em (2a), e apresentam uma dimensão expressiva que permite ao falante expressar uma atitude emotiva a respeito da situação sobre a qual ele está expressando uma intensificação, como em (2b). Em (2b), o falante não só expressa que a coisa é muito rápida, mas ele expressa uma atitude expressiva a respeito do fato de que a coisa tem a propriedade de ser rápida naquele alto grau.

- (2) a. Sophie ist sehr schnell.
 Sophie é DEG rápido
 'Sophie é muito rápida.'
 b. Das Ding ist sau/voll/total schnell.
 a coisa é EI rápido
 'Aquela coisa é EI (≈ totalmente) rápida.'

(GUTZMANN; TURGAY, 2014, p. 2)

Neste *squib*, fazemos uma primeira abordagem para os usos expressivos dos modificadores de grau *muy*, *muito*, *tan* e *tão* em ER e PB.² Vamos argumentar que eles também permitem revelar uma atitude expressiva por parte do falante a respeito do indivíduo que está sendo avaliado em um grau alto, como em (3a-b) e que também podem ser utilizados só para veicular uma atitude expressiva por parte do falante sem relação com nenhum grau explícito, como em (3c-d).³

1 Este *squib* adota uma semântica formal guiada por tipos semânticos. Os tipos empregados são: **d** para graus, **e** para indivíduos, **s** para eventos, **t** para valores de verdade e **u** para condições de uso.

2 É preciso salientar que os julgamentos apresentados aqui refletem a intuição das autoras, que são falantes nativas de ER e PB. Contudo, estamos cientes de que esses julgamentos podem não ser compartilhados por todos os falantes. Houve desacordo a respeito do ER, conforme apontado por um dos pareceristas, a quem agradecemos. Entretanto, os dados foram legitimados por um terceiro parecerista. Fazer uma pesquisa que investigue a distribuição desses usos está além do escopo deste *squib* e será uma pesquisa futura.

3 Como este é o primeiro trabalho sobre o tema, vamos nos concentrar nos seus usos similares e não nas

- (3) a. Eso es muy / tan Tarantino. (ER)
b. Isso é muito / tão Tarantino. (PB)

Interpretação: o falante se sente emocionado com uma coisa que tem muitos aspectos de Tarantino.

- c. Fue muy / tan golpe de estado. (ER)
d. Foi muito / tão golpe. (PB)

Interpretação: o falante se sente emocionado com o golpe de estado e se posiciona contra o golpe.

Este *squib* apresenta, em primeiro lugar, uma análise dos intensificadores como modificadores de grau; em segundo lugar, uma descrição da dimensão expressiva das línguas naturais; em terceiro lugar, uma apresentação de um intensificador expressivo misto em alemão; em quarto lugar, nossa proposta para os intensificadores expressivos em ER e em PB, e finalmente, as considerações finais.

2 A INTENSIFICAÇÃO

As línguas naturais apresentam diversas formas para expressar intensificação de propriedades que podem ser veiculadas pelas mais diversas categorias linguísticas, que neste *squib* serão ilustradas com alguns dados apenas do PB. Em (4a), por exemplo, o intensificador *pacas* (redução de *pra caralho*) impulsiona a propriedade denotada pelo substantivo *calor*. (4b), por sua vez, apresenta um substantivo abstrato pluralizado como intensificador de uma propriedade denotada por um verbo. Já (4c) apresenta o uso mais prototípico de intensificação e que foi mais estudado até hoje: um advérbio intensificador que impulsiona a propriedade de um adjetivo.

- (4) a. Está calor pacas.
b. Eu corri horrores.
c. Ele é muito inteligente.

Uma das formas de se analisar intensificadores como (4c), que será assumida neste *squib*, é adotar uma análise semântica que envolve graus.⁴ Assim, um adjetivo como *inteligente* é considerado não apenas como uma função característica (um predicado de indivíduos em

diferenças entre os modificadores nem entre as línguas. Salientamos que, por conta da extensão do *squib*, toda a análise será feita com base nos exemplos com *Tarantino* e *golpe*. Entretanto, sabemos que outros exemplos existem em ambas as línguas com nomes próprios, como *muito/tão/muy/tan Messi/Borges/García Marques*, etc. Parece bastar que o nome próprio tenha características prototípicas para que a intensificação desse tipo possa ser realizada. Outros dados com nomes de eventos que encontramos foram *muito/tão acidente/greve/copa/carnaval* e *muy/tan acidente/dictadura/ataque/carnaval*. Parece bastar que o nome eventivo denote características que possam evocar uma atitude expressiva (positiva ou negativa) do falante. No ER, costumam aparecer em contextos de negação metalinguística, como em: *tan accidente no era*.

4 Uma forma alternativa de análise que não vamos explorar é adotando uma semântica de delimitação (cf. KLEIN, 1980; BURNETT, 2016).

valores de verdade), mas passa a denotar uma propriedade que tem um grau como variável (cf. KENNEDY, 1999; KENNEDY; McNALLY, 2005, entre outros). Dessa forma, a ontologia assumida nesta perspectiva considera não somente indivíduos, eventos, mundos e valores de verdade, mas também graus em sua denotação. Adjetivos como *inteligente* podem, então, assumir uma entrada lexical como em (5).

$$(5) \quad [[\text{inteligente}]] = \lambda d_d. \lambda x_e. \text{inteligência}(x) = d$$

A intensificação, nessa perspectiva, é entendida como uma modificação de grau que impulsiona o grau denotado pelo adjetivo usado em sua forma positiva. Ou seja, se alguém é muito inteligente, o grau da propriedade é ainda maior do que o parâmetro associado às pessoas que são consideradas inteligentes (cf. KENNEDY, McNALLY, 2005). Por questões de simplificação, vamos considerar que o cálculo de que o parâmetro está impulsionado pode ser capturado pelo **ds**, que representa o grau que se destaca (de *stand-out*) na escala denotada pelo adjetivo.

$$(6) \quad [[\text{muy/tan/muito/tão}]] = \lambda G_{\langle d, \langle e, t \rangle \rangle} \lambda x_e. \exists d [G(d)(x) \ \& \ d > ds]$$

(baseado em Kennedy (2007), para *pos* e Sanchez-Mendes (2014), para intensificadores)

A análise semântica que envolve graus assume que adjetivos graduáveis lexicalmente apresentam um grau. Embora, como vimos, substantivos e verbos possam ser intensificados (4a-b), não é evidente que esses predicados estejam associados a graus em sua denotação. Como veremos, para o caso dos nomes próprios, é mais comum se assumir que contextos gramaticais de comparação e intensificação exijam um grau de predicados que normalmente não têm um (cf. MORZYCKI, 2011).

3 A DIMENSÃO EXPRESSIVA

A dimensão expressiva foi inicialmente defendida para dar conta de funcionamentos que envolvem a modificação nominal a partir de adjetivos (7a) ou de apostos nominais (7b), bem como na modificação adverbial orientada ao falante (7c).

- (7) a. The damn/shitty dog barked all night long.
'A porra do cachorro latiu a noite toda.'
- b. John, a banker I know, played golf with Bernie yesterday.
'John, um banqueiro que eu conheço, jogou golfe com Bernie ontem.'
- c. Frankly speaking, I don't know what you're talking about.
'Falando francamente, eu não sei do que você está falando.'

(McCREADY, 2010, p. 2)

Nesta seção, vamos apresentar os casos dos adjetivos (7a). A dimensão expressiva, conforme descrita em Potts (2005), envolve conteúdo que não impacta as condições de verdade da sentença (*not-at-issue content*) que projeta para fora de contextos encaixados. Em (7a), por

exemplo, o uso do adjetivo *damn* revela que o falante tem uma atitude negativa em relação a toda a situação, e não apenas ao cachorro, e não pode ser destacada da enunciação da sentença, o que reflete a propriedade de não deslocamento (do inglês *nondisplaceability*) da dimensão expressiva (GUTZMANN, 2019, p. 15). *Damn* é analisado como uma função de identidade, função de identidade, como em (8a), com um traço expressivo não interpretável, que poderá ser interpretado em D^0 . A função expressiva teria o tipo em (8b), em que u é o tipo de uso-condicional (*use conditional*). Em (8c), \bullet é um símbolo meta-lógico que separa o conteúdo verifuncional (*truth-conditional*) do conteúdo não verifuncional, na interpretação do DP (GUTZMANN, 2019, 117).

- (8) a. $[[damn]] = \lambda p.p : \langle \langle e, t \rangle, \langle e, t \rangle \rangle$
 b. $\textcircled{\bullet} : \langle e, u \rangle$
 c. $[[that damn dog]] = \lambda x.dog(x) : e \bullet \textcircled{\bullet} (\lambda x.dog(x)) : u$

A dimensão expressiva está presente não só nos adjetivos expressivos puros, como *damn* em inglês, mas também nos adjetivos expressivos mistos que apresentam tanto conteúdo com impacto nas condições de verdade (*at-issue*) quanto conteúdo sem impacto (*not-at-issue*) (ver MCCREADY, 2010; GUTZMANN, 2019, entre outros). Então, segundo Gutzmann (2019), um adjetivo como *shitty* (*porcaria*) teria um significado verifuncional que seria equivalente a alguma coisa ruim e um significado não verifuncional equivalente a uma atitude negativa por parte do falante a respeito do carro (9a). Nesse caso, *shitty* é interpretado com conteúdo descritivo e mais um traço expressivo não interpretável que será interpretado em D^0 . A função expressiva teria o mesmo tipo que *damn*. Diferentemente de *the damn car*, *the shitty car* expressa que o carro é uma porcaria e que o falante tem uma atitude negativa a respeito do carro (9c).

- (9) a. The shitty car.
 'A porcaria de carro'
 b. $[[shitty]] = \lambda d \lambda e.bad_{descr} : \langle d, \langle e, t \rangle \rangle$
 c. $[[the shitty car]] = \lambda x.car(x) \wedge pos(bad)(x) : e \bullet \textcircled{\bullet} (\lambda x.car(x) \wedge pos(bad)(x)) : u$

Nesta seção apresentamos dois tipos de adjetivos expressivos, os puros e os mistos. Na próxima seção, veremos que essa dimensão expressiva também pode ser analisada na modificação adjetival, isto é, nos intensificadores.

4 INTENSIFICADORES EXPRESSIVOS MISTOS

Gutzmann e Turgay (2012, 2014) mostram que há alguns intensificadores em alemão que se comportam como intensificadores expressivos mistos, isto é, eles apresentam um conteúdo expressivo além do seu conteúdo descritivo. Gutzmann (2019) assume uma análise com o diamante de McCready (2010) que coloca em paralelo o significado descritivo (*at-issue*) e o expressivo (*not-at-issue*), como em (10b). Na parte esquerda do diamante, temos a interpretação do intensificador ordinário, e na direita, temos uma função emocional (**emo**) que toma predicados graduáveis e devolve uma função expressiva do tipo $\langle e, u \rangle$. \blacklozenge é um

operador meta-lógico que estabelece que estamos diante de uma expressão mista (que tem conteúdo verifuncional e não verifuncional).⁵

- (10) a. Die Party war sau cool.
ART festa foi EI legal
'A festa foi EI legal.'
- b. $[[\text{sau}]] = \lambda G \lambda x. \text{int}(G)(x) \langle \langle d, \langle e, t \rangle \rangle, \langle e, t \rangle \rangle \blacklozenge \lambda G \lambda x. \text{emo}(G)(x) \langle \langle d, \langle e, t \rangle \rangle, \langle e, u \rangle \rangle$

(GUTZMANN, 2019, p. 136)

Para demonstrar que esses itens têm mesmo os dois tipos de conteúdo, Gutzmann (2019, 134) mostra que os conteúdos descritivo e não descritivo se comportam de forma diferente quando negados. O conteúdo descritivo da intensificação pode ser negado (11), enquanto o conteúdo expressivo não, já que não é possível negar a atitude que o falante tem a respeito da situação (12).

- (11) Nee so cool war die Party nicht, auch wenn sie sehr cool war.
não tão legal foi ART festa não até se isso muito legal foi
'Não, a festa não foi tão legal, mesmo que tenha sido muito legal.'

- (12) #Nee, das ist dir doch egal.
não isso é você não. importa
'Não, você não se importa.'

(GUTZMANN, 2019, p. 134)

O comportamento de *sau* difere dos intensificadores ordinários do ER e do PB porque pode aparecer em posições internas e externas ao DP (ver detalhes em GUTZMANN e TURGAY, 2012, 2014). Contudo, ele se apresenta como uma primeira evidência da existência de intensificadores mistos que pode ajudar a elucidar se os comportamentos dos intensificadores do ER e do PB podem apresentar conteúdo expressivo, como discutiremos na próxima seção.

5 INTENSIFICADORES EXPRESSIVOS EM ER E PB

Defendemos que os intensificadores ordinários em ER e PB podem ter conteúdo não descritivo em algumas circunstâncias. Isso ocorre quando eles se combinam com nomes próprios, como em (13a-b), que são predicados não escalares que podem ser coercionados pela presença do intensificador, e quando eles se combinam com nomes de evento, como em (13c-d) onde não há coerção de nenhum tipo.

⁵ Vale a pena lembrar que \cdot separa o conteúdo verifuncional do não verifuncional, porque na L_{CI} as expressões não podem ter os dois tipos de conteúdo (cf. Potts, 2005). Na L_{CI+} de McCreedy (2010), é possível ter expressões que tenham os dois tipos de conteúdo e isso vê-se refletido no \blacklozenge . Na proposta de Gutzmann (2019), ao serem analisadas as expressões sintático-semânticamente é possível eliminar o diamante e ficar só com o bullet.

- | | | |
|------|------------------------------|------------------------------------|
| (13) | (ER) | (PB) |
| a. | Eso fue muy / tan Tarantino. | b. Isso foi muito / tão Tarantino. |
| c. | Fue muy / tan golpe. | d. Foi muito / tão golpe. |

A nossa ideia é que, em todos esses casos, o falante expressa que sente uma certa emoção a respeito da situação que está sendo avaliada. Em (14a-b), o falante se sente em um estado emocional positivo a respeito da coisa que tem um alto grau de aspectos do Tarantino, e, em (14c-d), o falante expressa uma atitude negativa a respeito do golpe e se posiciona como oponente a ele.

Vamos defender que, mesmo que os dois apresentem conteúdo expressivo, só os primeiros podem ser analisados como mistos. Para demonstrar esse comportamento, usaremos os testes da negação.

- | | | | |
|------|----|--------------------------------------------------------|------|
| (14) | a. | No fue muy / tan Tarantino, fue algo Tarantino. | (ER) |
| | b. | Não foi muito / tão Tarantino, foi um pouco Tarantino. | (PB) |
| | c. | # No, a vos no te importa. | (ER) |
| | d. | # Não, você não se importa. | (PB) |

(14a-b) mostram que, quando os intensificadores modificam nomes próprios, eles têm conteúdo descritivo, pois podemos negar que seja algo que tem um grau alto de aspectos de Tarantino ao adicionar um atenuador como *algo* no ER e *pouco* no PB. (14c-d) mostram que não é possível afirmar que o falante tem uma atitude neutra a respeito da coisa que tem aspectos do Tarantino. Que o falante tenha escolhido usar esse intensificador é uma escolha que ele faz porque tem uma atitude positiva a respeito do que está predicando.

(15a-b) mostram, por sua vez, que, quando os intensificadores modificam nomes de evento, eles não têm conteúdo descritivo, pois não é possível negar o grau no qual alguma coisa foi golpe.⁶ Finalmente, (15c-d) mostram que não é possível afirmar que o falante tem uma atitude neutra a respeito do golpe. Que o falante tenha escolhido usar esse intensificador é uma escolha que faz porque tem uma atitude negativa a respeito do golpe e porque se posiciona como opositor a ele.⁷

- | | | | |
|------|----|--------------------------------------------------|------|
| (15) | a. | # No fue muy / tan golpe, fue algo golpe. | (ER) |
| | b. | # Não foi muito / tão golpe, foi um pouco golpe. | (PB) |
| | c. | # No, a vos no te importa. | (ER) |
| | d. | # Não, você não se importa. | (PB) |

⁶ A única forma de negar essa sentença é por meio de uma negação metalinguística (HORN, 1985), em algo como *No fue muy golpe, fue muy traición* (ER), *Não foi muito golpe, foi muita traição* (PB).

⁷ Temos que esclarecer que esse tipo de expressões aparece em contextos discursivos que parecem similares aos fenômenos de polaridade enfática, mas que não se trata do mesmo fenômeno. O fato de que podemos combinar itens de polaridade afirmativa no espanhol, como na afirmação enfática *Sí, fue muy golpe*, é evidência de que não são a mesma coisa (cf. HERNANZ, 2006.)

Entendemos que esse tipo de testes e o fato de que os intensificadores se combinam com nomes não graduáveis é evidência de que eles têm algum tipo de conteúdo expressivo. Na próxima seção, propomos uma análise formal inicial para esse tipo de intensificadores: um para os mistos e um para os puros.

6 ANÁLISE FORMAL

A nossa proposta para os expressivos mistos está inspirada em Morzycki (2011) e em Gutzmann (2019). A ideia é que o intensificador, com a entrada descritiva em (16a), coerção o nome próprio a um predicado graduável associado a uma escala de precisão, que o faz graduável (16b) e o resultado da combinação se vê em (16c).

- (16) a. $[[\text{muy/tan/muito/tão}]] = \lambda G_{\langle d, \langle e, t \rangle \rangle} \lambda x_e. \exists d [G(d)(x) \ \& \ d > ds]$
 b. $[[\text{Tarantino}_{deg}]] = \lambda d \lambda x. \text{precisão}_{\text{Tarantino}}(x) = d$
 c. $[[\text{muy/tan/muito/tão Tarantino}]] = \lambda x. \exists d [\text{precisão}_{\text{Tarantino}}(x) = d \ \& \ d > ds]$

A escala de precisão do predicado produzido por coerção ordena os indivíduos segundo sua prototipicidade. Assim, (16c) denota um predicado de indivíduos x que possuem um grau na escala de precisão associada às propriedades típicas de algo de Tarantino acima do grau ds , que é o grau do parâmetro de comparação fornecido pelo contexto. Sabemos que uma das características associadas a esta coerção é o desencadeamento de uma diferença prosódica dessas sentenças. É importante destacar que, embora a prosódia seja um ingrediente que esteja presente nas sentenças que evocam conteúdo não *at-issue* (cf. POTTS, 2005, p. 44), é a presença do modificador que desencadeia tanto a coerção que oferece uma escala para a modificação quanto a atitude expressiva. Não é possível utilizar essas sentenças de forma expressiva sem um dos modificadores em estudo.

Por ser um intensificador misto, o modificador deve ter um traço não interpretável que, neste caso, seria interpretado no nível de C^0 , e não de D^0 , como no caso dos adjetivos descritos acima. Neste caso, como a função expressiva toma uma proposição, o tipo semântico seria o de (17a), e a sua interpretação a de (17b).

- (17) a. $[[\text{emo}]] = \lambda p. \text{ o falante expressa emoção a respeito de } p: \langle t, u \rangle$
 b. $[[\text{isso fue/foi muy/tan/muito/tão Tarantino}]] = \exists d [\text{precisão}_{\text{Tarantino}}(\text{isso}) = d \ \& \ d > ds]: t \bullet \text{emo}(\exists d [\text{precisão}_{\text{Tarantino}}(\text{isso}) = d \ \& \ d > ds]): u$

O caso dos intensificadores puros é um pouco diferente porque envolve nomes de evento e porque, como mostramos, eles não têm conteúdo descritivo e devem ser interpretados como uma função de identidade que envolve eventos, como em (18a). Eles compartilham com os mistos que devem ser interpretados no nível C^0 e não no nível D^0 , o que explica a sua interpretação.

- (18) a. $[[\text{muito/muy, tão/tan}]]_{\text{exp}} = \lambda P.\lambda x.\lambda e. P(x): \langle \langle e, \langle s,t \rangle \rangle, \langle e, \langle s,t \rangle \rangle \rangle$
 b. $[[\text{emo}]] = \lambda p. \text{o falante expressa emoção ao respeito de } p: \langle t, u \rangle$
 c. $[[\text{golpe}]] = \lambda x.\lambda e. \text{golpear}(e) \wedge \text{RRE}(x, e)^8$
 d. $[[\text{Fue/foi muy/tan/muito/tão golpe}]] = \exists e. \text{golpear}(e) \wedge \text{RRE}(\text{isso}, e) : t \bullet \text{emo}$
 $(\exists e. \text{golpear}(e) \wedge \text{RRE}(\text{isso}, e)): u$

Estas duas análises permitem explicar como se ganha o significado expressivo desses intensificadores em ER e PB.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tratamento dos intensificadores expressivos é relativamente recente e cabe se perguntar se esses intensificadores do ER e do PB têm realmente conteúdo expressivo. O tratamento que estamos propondo para os intensificadores nos permite manter uma mesma entrada lexical para os ordinários e para os mistos, mas introduz uma nova entrada lexical para o intensificador de eventos. Poderia se pensar que o intensificador sempre tem um traço não interpretável expressivo que só será ativado em casos nos quais exista uma coerção de nomes próprios, o que permitiria explicar por que nesses casos a interpretação é diferente. Por outro lado, a entrada dos intensificadores como funções de identidade nos casos que envolvem nomes de evento permite explicar por que esses usos estão restritos só aos eventos, porque nesses casos há simplesmente uma dimensão expressiva funcionando que não pode modificar nem graduar o evento que está sendo avaliado por parte do falante.

⁸ RRE (inspirada em Carlson (1977)) é a Relação de Realização do Evento que se lê como: se uma entidade token realiza um evento e, então RRE (x,e).

REFERÊNCIAS

BURNETT, H. *Gradability in Natural Language: Logical and Grammatical Foundations*. Oxford: Oxford University Press UK, 2016.

CARLSON, G. *Reference to Kinds*. Tese (Doutorado) – University of Massachusetts at Amherst, New York, 1977.

GUTZMANN, D. *The Grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

GUTZMANN, D., TURGAY, K.: Expressive intensifiers in German: syntax-semantics mismatches. *Empirical issues in syntax and semantics*, v. 9, p. 149-166, 2012.

GUTZMANN, D., TURGAY, K. Expressive intensifiers and external degree modification. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 17, n. 3, p. 185-228, 2014.

HERNANZ, M. Emphatic polarity and C in Spanish. In: BRUGÈ, L. (ed.). *Studies in Spanish Syntax*. Venezia: Libreria Editrice Cafoscarina, 2006. p. 105-150.

KENNEDY, C. *Projecting the adjective: The syntax and semantics of gradability and comparison*. New York: Garland, 1999.

KENNEDY, C. Vagueness and grammar: The semantics of relative and absolute gradable adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 30, p. 1-45, 2017.

KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.

KLEIN, E. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 4, p. 1-45, 1980.

MCCREADY, E. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics*, v. 3, p. 1-57, 2010.

MORZYCKI, M. Metalinguistic comparison in an alternative semantics for imprecision. *Natural Language Semantics*, v. 19, n. 1, p. 39-86, 2011.

POTTS, C. *The Logic of Conventional Implicature*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

SANCHEZ-MENDES, L. A modificação de grau em Karitiana. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.